

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ  
TALITA ROBERTA POMPEU LICHOVESKI**

**HOTEL TASSI: LOCAL DE PASSAGEM EM UMA  
CIDADE EM PLENO VAPOR, CURITIBA FINS DO SÉCULO XIX  
E INÍCIO DO XX.**

**CURITIBA  
2014**

**TALITA ROBERTA POMPEU LICHOVESKI**

**HOTEL TASSI: LOCAL DE PASSAGEM EM UMA  
CIDADE EM PLENO VAPOR, CURITIBA FINS DO SÉCULO XIX  
E INÍCIO DO XX.**

Artigo apresentado a Pós Graduação  
Patrimônio, Memória e Gestão  
Documental – Faculdade de Ciências  
Humanas, Letras e Artes da Universidade  
Tuiuti do Paraná, como requisito parcial  
para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Viviane Maria Zeni.

**CURITIBA  
2014**

# HOTEL TASSI: LOCAL DE PASSAGEM EM UMA CIDADE EM PLENO VAPOR, CURITIBA FINS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX.

Talita Roberta Pompeu Lichoveski\*

**RESUMO:** Nas primeiras décadas do século XX, Curitiba vivia a efervescência de políticas modernizantes em prol do almejado progresso. A raiz desse ideal de modernidade se formou em fins do século XIX, acompanhando as demais cidades brasileiras. Em meio a esse contexto de mudanças estruturais e sociais, os hotéis emergiram como instrumentos de apoio ao fornecerem abrigo aos recém chegados. O presente estudo analisa o contexto histórico da inserção destes hotéis na cidade em fins do século XIX e o início do século XX, o desenrolar do nascimento da Rua da Liberdade e como se tornou a artéria política, administrativa e comercial da cidade. Para tanto, expõe as transformações da cidade neste período, enfocando as questões urbanísticas, articulando-as a abertura de hotéis na cidade. Evidencia a influência dos imigrantes neste contexto de mudanças, seu papel orientador no que tange a inserção de um novo modo de construção e moradia e o seu empreendedorismo na abertura de grande parte dos meios de hospedagem. E, relaciona o discurso da modernidade impresso nas edificações ecléticas, estilo presente no Hotel Tassi. E, por fim, pontua o consequente tombamento do Hotel Tassi, patrimônio cultural da cidade, representante do modo de se receber, hospedar e edificar. Suporte da memória e identidade urbana do início do século XX.

Palavras-chaves: Modernidade. Hotel Tassi. Patrimônio. Memória. Identidade.

---

\* Graduada em História pela Universidade Tuiuti do Paraná (2009) Graduada em Turismo pela Universidade Positivo (2004) e Estudante do Curso de Especialização Patrimônio, Memória e Gestão Documental da Universidade Tuiuti do Paraná.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9810317773791366>

ABSTRACT: In the early decades of the twentieth century, Curitiba lived effervescence of modernizing policies in favor of the desired progress. The root of this ideal of modernity was formed in the late nineteenth century, following the other Brazilian cities. Within this context of structural and social changes, the hotels have emerged as support by providing shelter to newcomers. This study examines the historical context of the integration of these hotels in the city in the late nineteenth century and early twentieth century, the course of birth of *Liberdade* Street and that how it became the political, administrative and commercial artery of city. Exposes the transformations in the city in this period, focusing on urban issues, articulating with the opening of hotels in the city. Shows the influence of immigrants in this context of change, its guiding role regarding the insertion of a new way of building and housing and their entrepreneurship at the opening of most lodging facilities. And bring forward relates the discourse of modernity printed in urban buildings, represented by the eclectic style in Tassi Hotel. And finally punctuates the Tassi Hotel as a historical heritage, cultural heritage of the city, representative of way to receive, host and build. Support of memory and urban identity of the early twentieth century.

Keywords: Modernity. Hotel Tassi. Heritage. Memory. Identity.

## 1. INTRODUÇÃO

Os hotéis de Curitiba, em particular o Hotel Tassi objeto deste estudo, foram edificados no bojo das transformações vivenciadas pela sociedade curitibana no final do século XIX e princípio do XX, período em que a cidade iniciou o processo de organização de seu espaço urbano construindo as bases para as demais ações modernizantes. A capital paranaense seguiu os padrões urbanísticos das grandes cidades europeias e, principalmente os modelos adotados pelas grandes capitais brasileiras. A elite brasileira recém proclamada republicana, no afã de inserir o Brasil no patamar das grandes nações, vislumbrou no exemplo europeu o ideário de modernização. Nesse sentido, várias autoridades começaram a reformar as cidades, retirando dos grandes centros a população mais pobre para alargar ruas e construir novas edificações que, além de embelezar as cidades, demonstrariam aos demais países, que o Brasil estava apto a conquistar o patamar de nação moderna.

Havia um otimismo em relação ao presente e futuro da nação, motivado pela disseminação de ideias e práticas desenvolvidas no que convencionou-se chamar *Belle Époque*, na qual a urbanização e a arquitetura se inseriram como movimentos desta nova experiência subjetiva, ao lado das inovações tecnológicas, artísticas e culturais.<sup>1</sup>

A cidade de Curitiba não fugiu a esta regra e como capital da Província, seguiu as ações que, paulatinamente eram praticadas no plano nacional, tais como a abolição do trabalho escravo, políticas imigratórias que objetivavam “branquear” a população, a imposição de medidas higienistas e sanitárias, mecanismos de controle punitivos e educacionais e a reestruturação urbana. Medidas estas, que tinham o intuito de “civilizar” e proporcionar a perda das características de Vila ainda marcantes mesmo no início do século XX, afim de receber o progresso e conseqüentemente a mudança da mentalidade curitibana.

Entretanto, enfatiza-se que desde a elevação a capital da Província do Paraná (1854), que gerou a crescente inserção do imigrante europeu e a abertura de

---

<sup>1</sup> BERBERI, Elizabete. *Impressões: A Modernidade Através das Crônicas do Início do Século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p.1-2.

indústrias, a cidade vivenciava timidamente mudanças, alterações estas mais visíveis no alvorecer do século XX.<sup>2</sup>

Neste novo cenário, a antiga Rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco), desempenhou um significativo papel, ao receber várias intervenções urbanísticas e sociais que deram forma a modernidade curitibana e marcaram o novo *status* e modo de vida da sociedade. A Rua da Liberdade tornou-se a porta de entrada da cidade, pois os recém chegados desembarcavam na Estação Ferroviária ali instalada desde 1885 e seguiam rumo aos seus destinos passando pelos principais prédios administrativos e comerciais.

A Estação, atraiu empreendimentos comerciais, como por exemplo, restaurantes e hotéis, voltados a atender a crescente demanda de viajantes, imigrantes, comerciantes, políticos e a população em geral.<sup>3</sup> Dentre eles, destacaram-se os hotéis da Rua da Liberdade, como representantes do modelo urbano, social e econômico da época, e compartilhando das afirmações de Michel Certeau, pode-se inferir que a investigação histórica se constrói com a combinação de um lugar social e de uma escrita, ou seja, a pesquisa se articula a um lugar de produção socioeconômico, político e cultural específico do seu tempo e espaço<sup>4</sup>. Nesse sentido, os hotéis, construídos no auge desse período de intensas mudanças na capital paranaense, se caracterizam como locais de memória de um cenário urbano repleto de histórias e personagens reais.

Nas principais cidades do mundo vários hotéis vinham atendendo as necessidades e exigências dos seus hóspedes, que procuravam estabelecimentos centrais e de preferência próximos as estações ferroviárias. A localização dos hotéis tornou-se fator decisivo para a sua aprimoração que, incorporada a realidade da época, traduziu-se também como uma referência do progresso.<sup>5</sup>

Em Curitiba, a abertura de hotéis teve início no final do século XIX, e seguindo o modelo de hospedagem dos grandes e luxuosos estabelecimentos como os de Paris, Londres, Nova Iorque, São Paulo e Rio de Janeiro, foi inaugurado na capital

---

<sup>2</sup> BONI, Maria Ignês Mancini de. *O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba, 1890-1920*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p.6.

<sup>3</sup> BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. *Rua da Liberdade*. Ano VIII, nº54, jun. 1981. p.13-14.

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.56.

<sup>5</sup> PEREIRA, Francisca Félix; COUTINHO, Helen Rita M. Hotelaria da era antiga aos dias atuais. *Revista Eletrônica Aboré*. Escola Superior de Artes e Turismo, Amazonas, Ed.3, 2007. P.7-8. ISSN 1980-6930. Disponível em:

[http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/artigos/artigos\\_3/Francisca%20Felix%20Pereira.pdf](http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/artigos/artigos_3/Francisca%20Felix%20Pereira.pdf)

paranaense o Grande Hotel, para atender a exigente demanda em busca de acomodações mais confortáveis e próximas ao centro urbano. Além deste, outros estabelecimentos foram abertos ao longo da Rua da Liberdade como por exemplo, os Hotéis Roma, Tassi e Johnscher, sendo que cada um possuía as suas particularidades, embora apresentassem um objetivo comum: acolher aos viajantes.

Os hotéis, tornaram-se uma alternativa de hospedagem utilizada pelo novo contingente de pessoas que circulava pela cidade “moderna”. Eram imigrantes, políticos, artistas, empresários e estudantes, os quais utilizavam os hotéis como espaço para pernoites, realização de eventos sociais e de lazer e até mesmo para moradia provisória.

Dado a relevância dos hotéis como artífices na modernização de Curitiba, o presente artigo buscou discutir o contexto histórico da sua inserção na cidade no período que compreende os anos de 1885 a 1916, bem como a sua importância para a sociedade curitibana. A escolha deste recorte temporal não foi aleatória, pois 1885 com a instalação da Estação na Rua da Liberdade, aos poucos, o eixo central da cidade foi sendo alterado, contribuindo ainda mais para a transformação e ampliação do mapa da capital, até 1916 com a inauguração do Paço Municipal que, por sua vez, representou o coroamento cenográfico de uma perspectiva que se iniciava na Estação Ferroviária,<sup>6</sup> ao apresentar obras públicas que demarcaram temporal, espacial e historicamente a abertura de vários hotéis ao longo deste eixo.

Os hotéis deste período estão inseridos na história local e regional, sobretudo o Hotel Tassi, que compõe a lista de bens patrimoniais da capital paranaense, pois ainda se encontra, de certo modo, preservado, susceptível a ação do tempo, do espaço e do sentimento de ligação do cidadão curitibano para com o seu passado. Recuperar a importância deste hotel como marco arquitetônico de permanências e continuidades na paisagem urbana da cidade é fundamental diante da constante reurbanização e reutilização de territórios citadinos, o que o torna um lugar de memória, definido como testemunho, resto de um outro tempo, importante instrumento por parar o tempo e bloquear o trabalho do esquecimento.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> DUDEQUE. Irã T. Espirais de Madeira. Uma história da arquitetura de Curitiba. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001, p.372.

<sup>7</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História*, A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, dez. 1993, p. 20-22. In: *Lés Lieux de mémoire*. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII – XLII.

## 2. EM BUSCA DO MODERNO: O CENÁRIO REDESENHADO E OS SEUS PERSONAGENS

A capital paranaense em fins do século XIX e início do XX necessitava de certos elementos básicos para se caracterizar apta ao futuro e quanto mais se estruturava e implantavam novas construções na cidade, mais a sua imagem de prosperidade e modernidade era construída. No plano nacional ainda se construía a ideia de nação e o ambiente moderno brasileiro, apesar de seguir os passos europeus, possuía particularidades locais, pois no Brasil o processo partiu do geral, ou seja, pensar a nação para o particular, a cidade, diferentemente da Europa, em que a nação estava formada e as cidades tornaram-se exemplos das técnicas modernas e desenvolvimento da nação. Por isso, as cidades brasileiras, deviam conter os elementos constituintes da nação, visualizados inicialmente na capital federal, Rio de Janeiro. O ser moderno, implicava medidas em prol do progresso e da civilidade. Logo, o ambiente urbano moderno estava vinculado a ideia de civilidade<sup>8</sup> da nação, forma de concretizar a modernidade, presente no discurso da época, impregnado nas decisões políticas e administrativas brasileiras, bem como no imaginário da sociedade.

A elite curitibana, segundo Rafael Aufusto Segâ, na ânsia por se modernizar fez questão de incorporar hábitos mais “civilizados” ao seu cotidiano. Nesse sentido, a vestimenta, a alimentação e as maneiras de se portar a mesa, entre outros costumes foram alterados, como forma de esquecer o mais rápido possível os hábitos coloniais<sup>9</sup>. Curitiba e as demais capitais brasileiras, buscavam desenvolver uma autonomia cultural e política, que partiam, ao mesmo tempo, destas mudanças comportamentais juntamente com as inovações técnicas-científicas.

No início do século XX, o “progresso” das cidades se manifestava nos poemas dos escritores, nas páginas dos jornais e revistas, e estava exposto nos edifícios, ruas e praças símbolos deste ideal. As ações progressistas viam no meio urbano uma

---

<sup>8</sup> O termo *civilização*, segundo o sociólogo Norbert Elias, expressava a “[...]consciência que o Ocidente tem de si mesmo.” A forma como a sociedade ocidental se julga superior, relativo as diferentes atitudes e atividades humanas definidas como civilizadas: “[...]ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento de conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes.” De certa forma, ao utilizar esta palavra, conforme Elias, dava-se a devida importância as conquistas da sociedade. In: ELIAS, Norbert. O processo civilizador, Volume 1: Uma História dos Costumes. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p.23.

<sup>9</sup>SÊGA, Rafael Augustus. A Capital da Belle Époque: A reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913 – 1916). Curitiba: Aos Quatro Ventos, p.2-4.



forma de demonstrar suas realizações, para, segundo o filósofo alemão Walter Benjamin, “dar uma forma à Modernidade”, e assim definir a sua fisionomia.<sup>10</sup>

Cabe aqui destacar que, quando as cidades adquirem formas próprias, ocorre o nascimento da urbanidade, termo criado após a Revolução Industrial que reflete o momento quando o cidadão se vê diante de uma nova realidade exterior a ele. Por isso, o urbanismo se caracteriza como progressista ligado a ideia de modernidade, visto que se racionaliza modelos técnicos e estéticos para as cidades com uma crescente preocupação com o seu desenho e suas implicações a saúde e a higiene das mesmas.<sup>11</sup>

Nessa perspectiva, para a efetivação da urbanidade, em Curitiba, tornou-se relevante implementar medidas de controle social e de higienização. De Boni, nos mostra como os governantes locais enfrentaram o problema, de “civilizar” seguindo o modelo das grandes cidades. Para tanto, segundo a historiadora, impuseram práticas higienistas para conter as doenças advindas do grande fluxo de pessoas, aliado ao clima e as más condições sanitárias e de higiene.<sup>12</sup> Portanto, para a realização e efetivação destas medidas, as mudanças urbanísticas se tornaram a principal ferramenta de técnicos, higienistas, engenheiros e demais idealizadores do projeto moderno, uma vez que, a capital do Paraná crescia em espaço e em número de pessoas, passando de 5.000 habitantes em 1850, para 24.553 habitantes, em 1890.<sup>13</sup> Este novo ambiente, fruto da política imigratória em ascensão, da economia ervateira e das inovações nos meios de transporte, exigia alterações que transformassem a dinâmica cotidiana da população.

O primeiro técnico a indicar quais eram e como deveriam ser as mudanças da capital de ruas tortas e estreitas numa cidade melhor organizada, foi o engenheiro francês Pierre Taulois, em 1855. Assim, paulatinamente, a sociedade curitibana vivenciou uma transformação na estrutura física, social/cultural e política, imbuída de um sentimento de ruptura com o passado.

Estas transformações vivenciadas pela população curitibana foram registradas pelo viajante inglês Thomas Bigg-Whiter em sua passagem pela cidade em 1872. Em

---

<sup>10</sup> BOLLE, Willi. Fisionomia da Metrópole Moderna. São Paulo: Editora da USP, 2000, p.24-28.

<sup>11</sup> CHOAY, Françoise. O urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.18-21.

<sup>12</sup> As epidemias que assolaram a cidade e outras capitais do país neste período foram atribuídas ao grande número de imigrantes que se amontoavam nas cidades, estabelecendo-se primeiramente nas hospedarias, estas tornavam-se segundo relatos, focos de infecção. Tal situação gerou preconceitos quanto ao estrangeiro. BONI p.24-38.

<sup>13</sup> BONI. *Op.cit.* p.6.

seus relatos o inglês indica que a pequena cidade possuía ruas dispostas como às das cidades estrangeiras e apresentava um comércio local em ascensão, com várias lojas de propriedade de brasileiros e as menores de imigrantes, alemães principalmente, os responsáveis pelos “dois únicos hotéis da cidade[...]”.<sup>14</sup> Outras fontes reveladoras deste novo *status quo*, eram periódicos que circulavam pela cidade, como o Almanaque de 1900, no qual o então jornalista Sebastião Paraná, destacava como a destruição das matas dos arredores da cidade havia afetado a salubridade pública, enfatizando sobre a urgência de alguns melhoramentos como: “*encanamento aperfeiçoado de água potável, calçamento a paralelepipedos de granito e ótima rede de exgottos.*”<sup>15</sup>

Diante destas carências, ao longo das últimas décadas 1880-90 e nas primeiras do século XX drenaram-se pântanos, realizaram novos arruamentos e calçamentos das ruas transformando a paisagem urbana. A população foi vacinada, esgotos fechados e as praças arborizadas e bem delineadas. Tais alterações compunham o primeiro Código de Posturas da cidade de 1895, no qual foram estabelecidos parâmetros para as construções dos edifícios, ruas e calçadas, bem como as questões sanitárias adquiriram importância na forma de construir. As casas não podiam ser mais coladas com os vizinhos, era proibido “[...] abrirem-se janelas nos oitões das casas ou construírem-se sóteas, cujo parapeito tenha menos de 1,5 metros de altura[...]”<sup>16</sup> ficando isentos os proprietários que “[...] cujos prédios, forem separados dos vizinhos, por corredores abertos em terrenos de sua propriedade.”<sup>17</sup>

Sebastião Paraná registrou ainda, que os principais edifícios urbanos da cidade e as construções recentes como hospitais, quartel, matadouro, asilos, finalização da catedral e demais avanços rumo ao progresso, foram construídos neste período. Inebriado pelo ideal moderno, enfatizava o crescimento espantoso, a construção de vários prédios que segundo ele, tornava Curitiba “ [...] uma cidade moderna, de aspecto alegre e pittoresco.”<sup>18</sup>

Na visão de outro *flâneur*, ao modelo do poeta francês Charles Baudelaire, João, filho de Angelo e Angela Tassi, fundadores do Hotel Tassi, descreveu em seu

<sup>14</sup> BIGG-WHITER, Thomas. *Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.p.77-84.

<sup>15</sup> Almanach do Paraná, Romário Martins redator. Curitiba, 1900. p.215

<sup>16</sup> CURITIBA. Posturas da Câmara Municipal de Curitiba: decretadas pela Câmara Municipal em sessão de 22 de novembro de 1895. Curitiba: Typ. Lith. Curytibana, 1897. art.123. Ap. In: SUTIL, op.cit.,p.86.

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> Op.cit.p. 218

Livro de Memórias de 1915, o desenvolvimento da cidade que, sob a sua ótica, ocorreu após a instauração da República:

Quem conheceu Curityba durante o período de sua activa modificação, isto é, a partir do momento [...] da instalação do regime republicano em todo paiz, poderá historiar o desenvolvimento rápido que ella teve em tão curto espaço de tempo. Comparando-se hoje uma verdadeira cidade européia, que não era em outros tempos completamente rudimentar em seu conjunto. Outr'ora as suas ruas eram sem esthética, formadas de altos e baixos, que não são as de hoje, completamente reformadas e symmetricamente alinhadas, vendo-se diversas praças arborizadas e floridas.<sup>19</sup>

João Tassi ao vivenciar o movimento da cidade em processo de modernização demonstra seu contentamento diante de tantos melhoramentos em Curitiba, cidade que acolheu os seus pais italianos que, como tantos outros imigrantes, participaram e acompanharam os projetos modernizantes. As ruas da capital paranaense foram aos poucos, alterando o seu ritmo e estrutura, contudo, a população de Curitiba, vivia entre dois mundos: o novo e o velho, uma vez que a proximidade com as colônias e o modo de ser do paranaense e das diversas etnias contribuíram para este misto de rural e urbano.

O cenário se mesclou, dividiam a cena fábricas e trens, com pequenas chácaras e carroças, e sob este dualismo a cidade se desenvolveu no fim do século XIX. Nas décadas seguintes este panorama se acelerou e Curitiba não parou de crescer e se desenvolver. A modernidade ao mesmo tempo em que enchia os olhos dos passantes, alterava toda a realidade, e a medida em que o espaço público se tornava vitrine, os seus personagens se adaptavam ao novo cenário. A paisagem urbana se transformava com o surgimento de casarios, ruas largas entre outros ícones da modernidade, como o cinema, a imprensa, os meios de transporte e também os hotéis.

Neste cenário redesenhado, os imigrantes atuaram como personagens colaboradores na intensificação da formação da urbanidade curitibana, por trazerem na bagagem novos materiais e práticas que ajudaram na concretização das mudanças tecnológicas e sociais desejadas. Embora, o discurso a respeito desses “morigerados e laboriosos” tenha se alterado ou mesmo adquirido várias opiniões a respeito da sua ação na sociedade, por passarem da condição de trabalhador ideal para a categoria

---

<sup>19</sup> TASSI, João. Minhas Memórias, 1915, 1916, 1917, 1918. (datilografado). Ap.In: TEIXEIRA, Elisabete Tassi. Hotel Tassi, O Antigo Hotel da Estação. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991.p.23.

de “sujeito perigoso”, aos imigrantes foi atribuída a culpa pela disseminação de epidemias que assolaram a cidade nos anos 1880 e 1890. Além disso, a sua valorização em detrimento do “nacional”, causou hostilidades que desestabilizaram o cenário local.<sup>20</sup>

Estaria Curitiba, apresentando uma modernização caótica, como um “bombardeio de estímulos”? Possivelmente, pois como define Ben Singer, na modernidade o racionalismo instrumental é transmitido para a urbanidade, o indivíduo ao entrar em contato com tais transformações entra em choque e quanto maior as mudanças, mais se altera a experiência subjetiva.<sup>21</sup>

## 2.1. O PAPEL DOS IMIGRANTES NA MODERNIDADE CURITIBANA

Diante da participação significativa dos imigrantes na história da cidade, cabe ressaltar as especificidades da sua inserção no Brasil em meados do século XIX. Neste período as políticas imigratórias se intensificaram dado as intensas transformações pelas quais o Brasil passava, resultado da expansão da produção mercantil, dos novos setores econômicos e das diversas mudanças nas atividades produtivas tradicionais. Desenvolveu-se assim, uma política imigratória visando a preencher os vazios demográficos, substituir a mão de obra escrava, mudar o povo brasileiro, composto em sua maioria por negros e mestiços. A partir da década de 1850<sup>22</sup>, as províncias principalmente as da região Sul, aproveitaram a brecha imigratória para implantar várias colônias de abastecimento e providenciaram uma série de medidas para a ocupação dos vastos sertões brasileiros.<sup>23</sup>

A intensificação do fluxo imigratório no Paraná ocorreu após 1853, como fruto do processo de emancipação política e administrativa da Província de São Paulo. A região de Curitiba, entre 1830 e 1850, recebeu espontaneamente muitos imigrantes e também “reemigrantes”, provenientes principalmente das colônias de Rio Negro e

---

<sup>20</sup> BONI, *op.cit.* p.6.

<sup>21</sup> SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo, e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p.95-96.

<sup>22</sup> Após a proibição do tráfico de escravos no Brasil em 1851. Como resultado, de 1850 até 1939, cerca de 4,8 milhões de estrangeiros ingressaram no território nacional. In: NADALIN, Sérgio O. *Imigrantes de Origem Germânica no Brasil: Ciclos Matrimoniais e etnicidade*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001, 2ª ed. p.17.

<sup>23</sup> HUNSCHE, Carlos Henrique. *Imigração Alemã*. In: *História da Imigração no Brasil – as famílias*. São Paulo: S.N.D.C.B. (Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileira), 1986.

Dona Francisca(SC), porém somente, na década de 1870, recebeu o apoio do governo provincial, que, motivado principalmente pelo desenvolvimento da economia ervateira, incentivou a entrada de imigrantes para resolver o problema da carestia dos produtos agrícolas e da alta dos preços na província. Assim, a primeira meta do Paraná foi fundar núcleos de povoamento com o desenvolvimento de uma agricultura de subsistência, com os trabalhadores estrangeiros e, depois, em uma segunda oportunidade, a partir de 1880, investir no trabalho em obras públicas, como a construção da Estrada de Ferro Curitiba – Paranaguá, para escoar a produção agrícola e novamente promover o povoamento do território desabitado do estado.<sup>24</sup>

O êxito alcançado na colonização das proximidades de Curitiba atraiu ainda mais imigrantes de outras regiões do Paraná e mesmo de outras Províncias. Estas pessoas se distribuíram pelas colônias já existentes, formaram colônias particulares ou ingressaram nas atividades artesanais e industriais da cidade<sup>25</sup>.

A entrada de estrangeiros no Paraná, e em particular na capital, além de resolver o problema da falta de gêneros de primeira necessidade, contribuiu para a modernização da mesma com a inserção de novas atividades voltadas para o apoio às indústrias ervateira e madeireira em ascensão e ao desenvolvimento urbano. Desse modo, os imigrantes exerceram funções diversas, e ao longo do tempo, tornaram-se empreendedores e também empregaram a mão de obra de outros imigrantes, dinamizando a economia local. Tiveram importância primordial na formação do empresariado e da atividade industrial e comercial paranaense, constituindo uma burguesia imigrante que ascendeu socialmente graças a esse tino para os negócios.<sup>26</sup>

Foram eles os responsáveis pela abertura da maioria dos hotéis e restaurantes de propriedade de imigrantes italianos e alemães. Demonstrou-se assim a representativa influência destes personagens nas ações cotidianas e no modo de construir. Eles trouxeram na bagagem sua cultura e seu “saber-fazer”, o modo e as técnicas de construção os quais foram lentamente sendo inseridos na paisagem curitibana.

---

<sup>24</sup> MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995, p. 349-350.

<sup>25</sup> BALHANA, Altiva Pilati, PINHEIRO MACHADO, B., WESTPHALEN, C. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969. p.168.

<sup>26</sup> PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando Iras Rumo ao Progresso*. Curitiba:UFPR, 1996, p.133 -134.

Marcelo Sutil em sua pesquisa sobre o ecletismo em Curitiba fornece exemplos e justificativas dessa influência na arquitetura do início do século XX, e afirma que os alemães e posteriormente os italianos foram os responsáveis pelo “ponta pé” inicial para um novo modo de construção. Aos poucos os velhos casarios oitocentistas foram dando lugar a residências mais ornamentadas e modernas, como por exemplo, o imóvel da família Stellfeld, construído em 1863, na Praça Tiradentes. O prédio de propriedade, projeto, construção e execução de alemães, abrigou a Farmácia Stellfeld e se caracteriza como o pioneiro das técnicas construtivas alemãs na cidade, demonstrando que o estilo eclético dava os seus primeiros passos no Paraná.<sup>27</sup>

Conforme Sutil, foi o ecletismo “[...]que transformou a modorrenta paisagem, de casebres ao rés-do-chão, em vitrines que emolduraram as novas vias que estavam sendo abertas[...]”<sup>28</sup>. Se em Curitiba, as concepções ecléticas começaram a ser delineadas, no Rio de Janeiro, São Paulo e em outras cidades do nordeste brasileiro o ecletismo encontrava-se em outra fase de sua existência, pois fora acelerado pela vinda da Família Real (1808) e por fatores econômicos e geográficos. Vivenciavam o novo “estado de espírito” surgido no seio da modernidade, em que se procurou a construção monumental para que em qualquer cidade fosse identificada a prefeitura, o teatro, a estação de trem, símbolos de modernização.

O ecletismo, era uma cultura arquitetônica criada pela burguesia europeia tecnicista que priorizava o conforto, o progresso, as novidades e transmitia seus gostos individuais na arquitetura. A classe burguesa foi a responsável pelos avanços nas instalações técnicas, sanitárias e na repartição interna das casas como também a protagonista na alteração rápida das estruturas dos grandes hotéis.<sup>29</sup>

Carlos Lemos evidencia ser o ecletismo “[...]uma questão de afirmação personalista de cada um na multidão”<sup>30</sup>, o resultado final das criações particulares, uma vez que o espaço individual, privado distanciava-se do público e adquiria paradigmas próprios. Deve-se, entretanto, salientar que apesar de o ecletismo ocupar lugar controverso pelos estudiosos de arte, tanto Carlos Lemos quanto Marcelo Sutil

<sup>27</sup> SUTIL, Marcelo Saldanha. *O espelho e a miragem: moradia e modernidade na Curitiba do começo do século 20*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009, p.44-48.

<sup>28</sup> *Ibid.* p.23-24.

<sup>29</sup> PATETA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. ap. In: FABRIS, Annateresa org. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da USP, 1987, p. 13 -14.

<sup>30</sup> Lemos, Carlos. O Ecletismo em São Paulo. ap. In: FABRIS, Annateresa org. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da USP, 1987, p.70.

afirmam a legitimidade e a importância deste estilo na arquitetura brasileira, pois se constituem em patrimônio cultural.

Mesmo que o conjunto de inovações no espaço urbano da provinciana Curitiba tenha se delineado num ritmo *a posteriori*, ele não deixou de acompanhar as tendências do período que se apresentavam no início de um moderno e febril século XX, e os hotéis gerenciados pelos imigrantes integraram a cena e se constituíram em modelos exemplares da efervescência da modernidade curitibana, lugares de sociabilidade da cidade, espaços de memória representantes da construção da cultura urbana da capital.

### **3 OS HOTÉIS ECLÉTICOS DA RUA DA LIBERDADE**

Os hotéis construídos em Curitiba se estendiam por toda a Rua da Liberdade e em seu entorno, em consequência do crescimento urbano da cidade, vivenciado logo após a inauguração da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, em 1885. A atual Rua Barão do Rio Branco, assim denominada em 1912 em homenagem ao falecido barão, foi efetivamente aberta por volta de 1882 com um trajeto que iniciava na Rua XV e terminava na Estação.

A escolha do local da Estação, foi resultado de discussões e estudos de solo desde 1880. Dois locais disputavam o privilégio de receber a Estação: o campo do Schmidlin (atual Rodoferroviária) e o terreno onde está localizado Teatro Guaíra. No entanto, ambos foram descartados por não oferecerem os benefícios do sítio localizado nas imediações da então Rua Leitner (entre a Rua XV de Novembro e a Rua Marechal Deodoro) que, naquela conjuntura, apresentava-se como a última rua da cidade a oferecer possibilidades de expansão regular e dispor de vasto terreno para a instalação do edifício da Estação, áreas de carga e descarga de mercadorias e oficinas.<sup>31</sup>

A construção da Estação na Rua da Liberdade fez despertar em algumas décadas um novo tempo para a cidade, esta obra pública necessária para o escoamento da produção ervateira e madeireira do Paraná, remodelou o mapa da cidade. A rua contava com 800 metros de extensão e ao longo da mesma foram construídos casarões comerciais, residenciais e prédios públicos, fator que a tornou o

---

<sup>31</sup> BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, ano VIII, nº54, junho 1981, Curitiba, p.6-10.

centro político/administrativo do Paraná, a chamada “Rua do Poder”, como ficou conhecida, por abrigar o Palácio do Congresso a partir de 1891 (atual Câmara Municipal), o Palácio do Governo construído na segunda metade do século XIX (hoje Museu da Imagem e do Som MIS) e o Paço Municipal, antiga sede da prefeitura inaugurada em 1916.

A construção do Paço, entre 1914 e 1916, no mandato do engenheiro e prefeito Cândido de Abreu, delimitou as alterações realizadas na Rua da Liberdade, contribuindo para “[...]a consolidação de um imaginário de modernidade[...]”.<sup>32</sup> O Paço, construído no local do antigo Mercado Municipal então demolido, sediou a Prefeitura de Curitiba até 1969 e ajudou a definir e orientar o espaço urbano, “criando-lhe um centro laico”<sup>33</sup> em oposição à Praça Tiradentes diante da Igreja Matriz. O edifício é mais um exemplar do estilo eclético e conta com elementos em *art nouveau* com dois Hércules sustentando a entrada principal do prédio, representando os poderes Legislativo e Executivo, e logo acima, no nicho superior, a escultura de uma mulher, que representa a cidade de Curitiba expõe uma rica simbologia em sua fachada. Na torre, um escudo com as armas do município e cabeças de leão, símbolos força complementam o exterior eclético do Paço, em que os símbolos do governo se reafirmavam nas construções e monumentos, característica peculiar do ecletismo e da estética do período.

Aos edifícios públicos, construídos nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, era atribuída a categoria de fundar um saber e a função de ilustrar e servir ao sentimento de nacionalidade que estava em um processo de construção ideológica e política do imaginário republicano, pois como indica José Murilo de Carvalho, “ A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também [...] por símbolos, alegorias, rituais, mitos”.<sup>34</sup> Portanto, insere-se neste contexto de transformações a preocupação com a formação de uma ideologia comum aos brasileiros que na esfera paranaense pode ser evidenciada na arquitetura do Paço.

---

<sup>32</sup> SEGÃ. *op.cit* p.4.

<sup>33</sup> DUDEQUE. *op.cit* p.373.

<sup>34</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p, 10.



Além dos prédios administrativos no que concebe o desenvolvimento da Rua da Liberdade, verificou-se a abertura nas imediações da estação de casas de comércio, hotéis, pensões, indústrias e estação de bondes. Seguindo o modelo das grandes cidades, com largas avenidas como as do Rio de Janeiro, rapidamente a “Rua do Poder” se tornou palco de desfiles, eventos cívicos e visitas presidenciais, circulando por ela conhecidos e anônimos personagens da história do Paraná.

FIGURA 1 – ESTAÇÃO, HOTÉIS TASSI E ROMA E A PRAÇA EUFRÁSIO CORREIA



AUTOR desconhecido. Cartão Postal do início século XX. 1 postal p&b. 15cm x 10 cm.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

Enquanto porta de entrada da capital, era necessário apresentar construções aos forasteiros que precisavam de locais para pernoitar, o que tornou a região o primeiro centro hoteleiro da cidade. Ao desembarcar na estação, os viajantes se deparavam com uma estrutura pronta para recebê-los, com serviços de cocheiros que os encaminhavam aos diversos estabelecimentos localizados na Rua da Liberdade e cercanias. O Grande Hotel apresentou-se como o primeiro hotel de destaque da cidade. Fundado por volta de 1868, localizado na esquina das Ruas XV com a Liberdade, atingiu o seu auge no início do século XX, sob a administração do imigrante italiano Gino Zanchetta, quando transformou-se no Grande Hotel Moderno, devido as instalações mais adequadas à época, que seguiram os moldes dos hotéis europeus, norte-americanos e fluminenses. O Grande Hotel apresentava salões espaçosos, jardins de inverno, salas para refeições, lavanderia, elevador e quartos com banheiro. Tornou-se ponto de encontro para a promoção de bailes e eventos sociais e o mais

procurado para a hospedagem de presidentes e políticos que procuravam a hospitalidade e o conforto de suas instalações.<sup>35</sup>

Outros estabelecimentos figuraram como opções de hospedagem ao longo da Rua da Liberdade e na região da Praça Eufrásio Correia desde a Estação, como indica a tabela a seguir:

TABELA 1 - RELAÇÃO DE HOTÉIS DA RUA DA LIBERDADE E DA PRAÇA EUFRASIO CORREIA, CURITIBA FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX.<sup>36</sup>

<b>Estabelecimento</b>	<b>Localização</b>
Hotel Brotto/São Cristóvão	Rua da Liberdade
Hotel Carril Biogine	Praça Eufrásio Correia
Hotel Coritiba	Praça Eufrásio Correia
Hotel Coritibano	Rua da Liberdade
Hotel Guarani	Praça Eufrásio Correia
Hotel Internacional	Praça Eufrásio Correia
Hotel Paraná,/ Hotel Johnsher	Rua da Liberdade
Hotel Roma	Rua da Liberdade
Hotel Souza & Teixeira	Praça Eufrásio Correia
Hotel Tassi	Rua da Liberdade
Pensão Santos & Andrade	Praça Eufrásio Correia
Pensão Tassaio e Castro	Praça Eufrásio Correia

Fontes: Almanaque Paranaense 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1908, 1909, 1912 e 1913; IPPUC. O Sítio da Praça Eufrásio Correia. Curitiba, junho, 1985.

Os hotéis recebiam seus hóspedes com o compromisso de cama e comida de boa qualidade, expunham estas premissas nos seus anúncios comerciais e a cada ano se tornavam mais numerosos, tanto que muitos deles abriam e reabriam em

<sup>35</sup> O Grande Hotel Moderno funcionou sob a administração de vários empreendedores até a década de 1970 na Rua XV de novembro seu endereço final após a abertura da Rua Barão por volta do final da década de 1910 e início da 1920. In: AZEVEDO, Sandra Mara. *O Grande Hotel Moderno: símbolo da modernidade de Curitiba (1903 -1913)*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História). UTP, Curitiba, 1998.

<sup>36</sup> A presente pesquisa encontrou em almanaques, jornais e mesmo alvarás de abertura a existência de vários empreendimentos de hospedagem entre 1885 a 1920 na região da estação. As datas de aberturas dos estabelecimentos não são precisas, no entanto, constam nas listas dos almanaques pesquisados entre 1899 a 1913.

outros endereços e/ou com outros nomes. Consequência da crescente concorrência no mercado hoteleiro, estes estabelecimentos se espalharam pela cidade ultrapassando as cercanias da estação. Eram em sua maioria de propriedade estrangeira, de alemães ou italianos e foram denominados até o final da década de 1930, como “hotéis dos comerciantes viajantes”<sup>37</sup>. Alguns se destacavam pelo luxo e conforto de suas instalações, contendo banheiros privativos e elevadores, outros menos suntuosos e mais populares com “*preços sem competência*”.<sup>38</sup>

Entre eles, destacou-se o Hotel Tassi, objeto deste estudo, que apesar do seu atual estado de deterioração (Figura 5), encontra-se mais preservado, em relação ao vizinho Hotel Roma, que, por sua vez, perdeu muito de suas características originais devido a uma reforma realizada pela família Ross em 1954. Tanto o Hotel Tassi quanto o Roma foram tombados pelo governo estadual em julho de 1985, mas somente o primeiro mantém presente elementos originais da fachada e do seu interior.

Na esquina da Rua da Liberdade, ao lado da Estação, o imóvel da família Tassi, construído pelos imigrantes italianos da região de Mântova, Angelo e Angela Tassi, possuía a princípio, um pavimento e funcionava como comércio de alimentos e bebidas. Mas como os viajantes que desembarcavam da Estação, buscavam além da alimentação um lugar para descansar da viagem, começaram a pedir “pouso” aos proprietários. Assim, em 1900, os Tassi inauguraram o Hotel Estrada de Ferro. A alta demanda de clientes obrigou Angelo Tassi a ampliar as instalações do hotel. Uma das alterações realizada em 1910, o imóvel passou a ter dois pavimentos, adquiriu características ecléticas, e exigiu o emprego de mais funcionários, para atender aos 60 quartos, salões de refeições (café/jantar), hall, jardim de inverno e duas cozinhas. Entretanto, o hotel permaneceu com o nome Hotel Estrada de Ferro até o final da década de 1910, recebendo a nova denominação, Hotel Tassi, somente na década seguinte.

---

<sup>37</sup> IPPUC. *O Sítio da Praça Eufrásio Correia*. Curitiba, junho, 1985, p.35.

<sup>38</sup> Termo utilizado na época para se referir a preços mais acessíveis. Anúncio publicitário de 1899. In: ALMANAQUE DO PARANÁ. Curitiba: Livraria Econômica, 1899, p.n/e.

FIGURA 2 – HOTEL DA FAMÍLIA TASSI COM O NOME ANTIGO HOTEL ESTRADA DE FERRO, 1902.



AUTOR desconhecido. Hotel Estrada de Ferro, 1902. 1 foto p&b 15cm x 10 cm.  
Fonte: TEIXEIRA, Elisabete Tassi. Hotel Tassi. O Antigo Hotel da Estação.  
Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991, p.25.

FIGURA 3 – HOTEL AMPLIADO, AINDA DENOMINADO HOTEL ESTRADA DE FERRO, 1917.



AUTOR desconhecido. Ampliação do Hotel Estrada de Ferro, 1917. 1 foto p&b.  
15cm x 10 cm.  
Fonte: Acervo Família Tassi. In: TEIXEIRA, Elisabete Tassi. Hotel Tassi. O  
Antigo Hotel da Estação. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991, p.27.

As imagens apontam o ecletismo do hotel, pois no Paraná, os sobrados ecléticos, segundo Key Imaguirre Jr, caracterizaram-se por uma fachada retangular,

quase quadrada, subdividida em três faixas horizontais, a de baixo mais simples e a de cima mais ricamente ornamentada. Sendo a superior, a terceira faixa “[...] a de coroamento, de que participavam os rasgos de aproveitamento do sótão, com as platibandas”. As composições são sempre simétricas e reforçadas pelos balcões em ferro batido, priorizando a valorização dos vãos centrais dos sobrados.<sup>39</sup> Sendo assim, o Tassi, caracteriza-se como eclético, por ser uma edificação:

[...]de alvenaria de tijolos e cobertura de telhas francesas, sem recuo colocadas às divisas laterais, é o mais extenso dos sobrados que compõem o conjunto arquitetônico da face leste da praça Eufrasio Correia. Arquitetura eclética, tendo nas cornijas em massa, nas aberturas guarnecidas por balaústres na platibanda e nos ressaltos sobrepostos aos vãos seus principais adornos.<sup>40</sup>

A fachada eclética ornava com o seu entorno onde pulsava o movimento da modernidade e ao entrar no hotel os hóspedes vislumbravam uma estrutura cordial e receptiva. Logo na entrada havia uma porta dupla, com vidros *biseautés* e “[...] ao lado esquerdo, havia a recepção, com o escritório atrás... O piso da entrada era ladrilhado[...]Nesse *hall* de entrada, ficavam uma mesa e cadeiras de descanso”,<sup>41</sup> descreveu Milena Angela Tassi de Andrade, neta dos fundadores. Em suas lembranças Milena comentou sobre a sensação de acolhida, requinte e conforto das instalações: “ Na frente, [tinha] a escada de mármore branco com colunas laterais, que levava ao primeiro andar, onde estavam os dormitórios. Era costume da família Tassi, após o jantar, ficar no *hall* conversando com alguns hóspedes.”<sup>42</sup> Aspecto que o caracterizava como um hotel familiar, onde os proprietários mantinham relações de sociabilidade informal com os hóspedes, em uma época em que a hospitalidade vigorava e o hoteleiro, além de fornecer alimento e acomodação, oferecia também aos seus hóspedes conforto e aconchego. Do *hall* de entrada, portas de imbuia almofadadas davam acesso ao jardim de inverno com teto de vidro e o piso ladrilhado por rosetas. O restaurante principal e o salão de café possuíam cozinhas separadas. O Hotel contava também com um porão para o armazenamento do vinho e dividia

<sup>39</sup> IMAGUIRRE JR, KEY. Arquitetura no Paraná: uma contribuição metodológica para a história da arte. Curitiba, Dissertação (Mestrado) UFPR, 1982. p.67.

<sup>40</sup> Id.ibid.,p.67.

<sup>41</sup> ANDRADE, Milena A. Tassi de. In: TEIXEIRA, Elisabete Tassi. Hotel Tassi, O Antigo Hotel da Estação. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991, p.116-127.

<sup>42</sup> Id.ibid., p.116.

espaço com a câmara escura de fotografias de Santo Tassi, pai de Milena e filho de Angela e Angelo Tassi.

FIGURA 4 – HALL DO HOTEL TASSI, 1935.



AUTOR desconhecido. Hotel Tassi, 1935. 1 foto p&b. 15cm x 10 cm.

Fonte: TEIXEIRA, Elisabete Tassi. Hotel Tassi, O Antigo Hotel da Estação. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991, p.117

FIGURA 5 – HALL DO HOTEL TASSI, 2006.



AUTOR desconhecido. Hotel Tassi, 2006. 1 colorida. 15cm x 10 cm.

Fonte: Acervo Coordenadoria do Patrimônio Cultural do Paraná, 2006.

Ao recorrer as suas memórias Milena nos fornece o ambiente em seu uso rotineiro e com todas as suas funções: “A lavanderia tinha acesso para o pátio interno... lavava-se a roupa em grandes tanques [...] Ao lado, a sala de passar, com grandes cestos para a roupa lavada[...]” e na parte traseira do prédio, havia uma garagem e um galinheiro. No pátio central onde depois foi construído o jardim de inverno, comentou sobre a existência de um chafariz em que a noite eram tocadas músicas para os hóspedes. Os quartos maiores ficavam no primeiro andar e alguns com vista para a Praça Eufrásio Correia. Já no segundo andar os quartos eram menores com aposentos destinados aos funcionários. Os banheiros eram separados dos quartos e as camareiras se encarregavam de preparar os banhos quentes. Outro aspecto peculiar era a moradia da família que se encontrava ao fundo estabelecimento “[...]com um porão e terraços separados da entrada do hotel, que era pela Rua Barão do Rio Branco.”<sup>43</sup>

O Hotel Tassi permanece na lembrança dos familiares, Suzette Passalacqua relatou que alguns hóspedes tornavam-se amigos da família. No entanto, as relações entre hoteleiro-hóspede tinham suas delimitações e os espaços entre o trânsito de hóspedes e a área restrita à família deviam ser respeitados. Suzette revelou que Angelo Tassi proibia os namoros de suas filhas com os hóspedes, porém essa foi uma

<sup>43</sup> *Id. ibid.*, p.116-127.

regra inflexível burlada por ela, pois acabou por se envolver e casar-se com um hóspede.<sup>44</sup>

Em 1942, após anos de funcionamento sob a administração dos Tassi, o hotel foi alugado e recebeu um novo nome: Continental. Posteriormente, na década de 1960, a família decidiu vender o imóvel. No ano de 1972, a Estação Ferroviária foi desativada, resultante da progressiva substituição do transporte ferroviário pelo rodoviário.<sup>45</sup> Em seguida, a região da Estação passou a viver um momento de abandono com o fechamento de vários hotéis, inclusive o Continental em 1976. Desta forma as portas do antigo Tassi, endereço de chegadas e partidas de vários viajantes que encontravam nos aposentos e na conversa dos donos o aconchego foi lacrada.

Na década seguinte, um incêndio abalou a estrutura do edifício, que ficou à mercê dos seus atuais proprietários, porém um novo olhar de representantes da memória histórica do Estado delimitou novos espaços urbanos a serem preservados. Com esta preocupação a recém criada Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, juntamente com o Instituto do Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) realizou estudos preliminares e projetos de pesquisa que procuravam “[...]resgatar a memória histórica com base não só em edificações, mas também nos caminhos, passagens e espaços recheados de significações”,<sup>46</sup> objetivando que a população “[...]tenha a oportunidade de ver na cidade todos os momentos pelos quais ela passou ao longo de sua evolução.”<sup>47</sup>

Nessa conjuntura se deu o processo de tombamento do antigo Hotel Tassi em julho de 1985, mesmo com a não aceitação do tombamento pelos proprietários, representantes do Grupo Slaviero, que alegaram estar o prédio em ruínas e com risco de um eminente desabamento.<sup>48</sup> Porém, o imóvel foi tombado e, segundo Margarita Barreto, o tombamento consiste na medida legal mais concreta para proteger o patrimônio, pois ao ser registrado no “Livro de Tombo”, o bem não pode ser modificado (externo/interno) e deve manter as suas características essenciais da data de tombamento, tanto externamente como no raio de 300 metros ao seu entorno.<sup>49</sup> Esta

<sup>44</sup> PASSALACQUA, Suzete. (sobrinha criada por Angelo e Angela Tassi) In: *Id. ibid.*, p.145-146.

<sup>45</sup> IPPUC, *O Sítio da Praça Eufrásio Correia*. Curitiba: junho, 1985, p.2.

<sup>46</sup> KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. Os rituais de tombamento e a escrita da História. Curitiba: Editora da UFPR, 2000. p.146-147.

<sup>47</sup> IPPUC, *O Sítio da Praça Eufrásio Correia*. Curitiba: junho, 1985, p.27.

<sup>48</sup> COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL. *Processo de Impugnação do tombamento do imóvel sito Rua Barão do Rio Branco, 805*. Curitiba, 23 maio de 1985.

<sup>49</sup> BARRETO, Margarida. *Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento*. Campinas, SP: Papirus, 2000, p.14.

ação de proteção do Estado revela como o tombamento afeta além do traçado urbano das cidades, também o uso destes locais.

O imóvel desde o seu tombamento pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, sofreu várias medidas de contenção ao deterioramento, e recebeu desde no início dos anos 2000 maiores intervenções pela Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte (SEEC), pela Coordenadoria do Patrimônio Cultural (CPC) e pelo IPPUC. Porém, de acordo com o diagnóstico dos referidos órgãos, o Hotel Tassi encontra-se ainda em fase elevada de degradação, sem cobertura e apenas com as fachadas inteiras, os pisos que restam são apenas os de ladrilho hidráulico no térreo, a escadaria de mármore está parcialmente preservada (Figura 5) e as paredes de estuque e de madeira que existiam ruíram. Atualmente, está tramitando a liberação de verba para a realização de restauro do imóvel conforme o projeto proposto em 2006.<sup>50</sup>

Por fim, pode-se inferir que esta ação, entre outras realizadas pelas autoridades, permitiram a preservação de alguns exemplares do patrimônio histórico da capital paranaense, entre eles o Hotel Tassi. A partir do momento que se notou a importância destes bens, verificou-se quais valores eram atribuídos a eles (afetivos, históricos, artísticos e culturais), que justificassem a sua permanência na cidade enquanto representantes de um passado vinculado as memórias individuais e coletivas de um grupo social. E quando se vincula valores a algum bem, uma dimensão simbólica ao patrimônio, concede-lhe um *status* que garante a sua preservação tornando-o um instrumento importante para legitimar a identidade dos grupos sociais. Esta atribuição pode caracterizar o monumento, como um lugar de memória, por assegurar a cristalização da lembrança e a sua transmissão às gerações futuras, com a função de parar o tempo e bloquear o trabalho do esquecimento.<sup>51</sup> Afinal, um patrimônio cultural deve ser entendido “[...] como *lócus* privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade”.<sup>52</sup> Através da identidade, que por sua vez é acionada pela memória tanto individual quanto coletiva, ocorre a

---

<sup>50</sup> CPC/SEEC/IPPUC. Projeto de restauração do imóvel tombado pelo patrimônio histórico, sobrado sito à Rua Barão do Rio Branco 823. Curitiba, set., 2006.

<sup>51</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História*, A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, dez. 1993, p. 22.

<sup>52</sup> PELEGRINI, Sandra C.A. *O Patrimônio Cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas*. Revista Patrimônio e Memória da UNESP: FCLAs, CEDAP, v.3, n.1, 2007 p. 2



transmissão de um sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo em sua reconstrução de si ou do grupo.

O tombamento do conjunto arquitetônico, a Estação, a Praça e alguns imóveis da atual Rua Barão do Rio Branco pelo Estado, segue os preceitos estabelecidos por Giovannoni.<sup>53</sup> Entre tais preceitos destacam-se: primeiro, todo o fragmento urbano antigo deve ser integrado a um plano diretor local, regional e territorial, que simboliza sua relação com a vida presente; segundo, o conceito de monumento histórico não pode designar um edifício isolado, separado do contexto das construções no qual se insere. Deve-se considerar todo entorno do monumento; e por fim, munidos dessas primeiras condições, os conjuntos urbanos antigos requerem procedimentos de preservação e de restauração.<sup>54</sup>

A memória da cidade, deste período de intensas mudanças, remete a lembranças de um tempo em que a estação em pleno funcionamento expressava a vida econômica e social de Curitiba. O Hotel Tassi assumiu o papel de lugar de memória, monumento representante de um passado atemporal, uma criação artística do passado no simbolismo no presente.<sup>55</sup> Ele pode ao mesmo tempo reviver o passado, manter o estilo e reconhecimento do arquiteto-artista e conferir autenticidade ao testemunho dos historiadores.<sup>56</sup>

Isto porque, criar locais para abrigar a memória, os museus, arquivos, edifícios e tomar monumentos tornaram-se práticas recorrentes nos países com intensa transformação social, cultural, política e conseqüentemente urbana. Portanto, barrar essas modificações, desestabilizadoras da memória coletiva e individual, tornou-se prioritário para os governantes, pois os indivíduos não encontrando os lugares relativos ao seu contexto histórico perdem a referência da sua cultura. O patrimônio torna-se, portanto, a série de falas, a exterioridade da cultura e só adquire inteligibilidade por referência àqueles códigos.<sup>57</sup> Desta forma, as ações preservacionistas atuam sobre estes bens patrimoniais materiais e imateriais

---

<sup>53</sup> Gustavo Giovannoni (1873-1943) Engenheiro, arquiteto, e historiador da arte, criador da cadeira de arquitetura da Escola de Engenharia de Roma, ele desenvolveu tanto atividades teóricas quanto práticas de urbanismo e de conservação dos monumentos e da malha urbana antigas. CHOAY, A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p.143.

<sup>54</sup> *id. ibid.*, p.200.

<sup>55</sup> ARANTES, Antonio Augusto (org). *Produzindo o Passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 9.

<sup>56</sup> CHOAY, *op.cit.*, p.28.

<sup>57</sup> MAGNANI, J.G.C. Pensar grande o patrimônio. In: Lua Nova\Patrimônio Cultural. P.62\67 s.n.t. In: KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. *Os rituais de tombamento e a escrita da História: Bens tombados no Paraná entre 1938 – 1990*. Curitiba: Editora UFPR, 2000, p. 33.

produzidos e reproduzidos por determinados grupos sociais, não sobre a cultura em si.

Nesse sentido, o patrimônio cultural representa um conjunto de bens tangíveis e intangíveis e de práticas sociais representativas da cultura de um grupo ou de uma sociedade, como danças, monumentos arquitetônicos, objetos, línguas, técnicas, entre outros que servem para unificar uma nação. Contudo, os grupos sociais dominantes é que delimitam quais bens serão preservados, deixando de lado muitas vezes as manifestações populares.<sup>58</sup>

O patrimônio cultural<sup>59</sup> tem, portanto, a função de concretizar as tradições, os costumes, os *savoir faire* (saber fazer), nos quais estão os testemunhos materiais e simbólicos das mais diversas culturas. Se a memória e a identidade estiverem bem definidas, os questionamentos exteriores não os atingem, aliás, conforme indica Denys Cuche permite ao indivíduo se localizar em um sistema social e ser por ele localizado. Este sistema faz uso da identidade tanto social quanto cultural de um ser ou grupo, justamente para diferenciá-los dos outros, sendo, portanto, a identidade uma construção social, que remete as origens, as “raízes” e se faz no interior de contextos sociais distintos, em outras palavras uma representação daquele tempo e espaço, daquele grupo.<sup>60</sup>

A identidade, nesse sentido, é formada com base em memórias, seja coletiva ou individual, em que o indivíduo ou grupo recorre para fazer valer sua representação e atribuição enquanto ser social e cultural. E conforme as indicações de Maurice Halbwachs e Michel Pollak, a memória é um fenômeno coletivo e social, que preserva acontecimentos, fatos e lugares relativos ao contexto desse indivíduo.<sup>61</sup> Quando, a imagem do passado é trazida a tona pela memória e também através da memória, podemos nos situar dentro da nossa cidade, bairro ou grupo, sem ela, perdemos os

---

<sup>58</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. O Patrimônio Cultural e a Construção imaginária do Nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.23,1994, p.97.

<sup>59</sup> O termo patrimônio por si só significa herança, propriedade de algo que pode ser deixado como legado, com o acréscimo da palavra cultural, torna-se um produto da cultura que é herdado e transmitido de geração para geração. Nesse sentido, o patrimônio cultural pode ser entendido como um fenômeno social vinculado a um tempo e a um espaço específicos, que está diretamente ligado aos valores que lhe são atribuídos pela sociedade. MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O patrimônio cultural entre o público e o privado. In: *O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992. p. 189-190.

<sup>60</sup> CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002, p.180-182. apud. In: LICHOVESKI, *op.cit.*, p.62-63.

<sup>61</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.204.

elos afetivos que nos propiciam a relação que temos entre habitante-cidade e ficamos impossibilitados de nos reconhecermos enquanto cidadãos de direitos e deveres e sujeitos da história. Portanto, a preservação de um patrimônio cultural deve envolver sempre identidade cultural e qualidade de vida, um não sobrevive sem o outro.<sup>62</sup>

Perante tais indagações sobre patrimônio, memória e identidade é possível compreender o processo de tombamento do Hotel Tassi, da constatação do seu valor histórico e artístico, identificado como definidor da cultura e identidade locais e, principalmente por se converter em um elemento constitutivo do patrimônio cultural dos habitantes de Curitiba. Com isto, o antigo Hotel Tassi, foi reconhecido quando houve uma preocupação com a sua história e assim com as implicações de sua destruição e por remeter a experiência de vida dos que por ele passaram, usufruíram dos seus serviços, participaram das conversas e cantigas nos salões da família Tassi, no vai e vem das suas viagens. Ele aciona tais memórias, e assim faz reviver o passado, mesmo que parcialmente, pois ao estabelecer contato com ele, se tem a materialização da memória.

---

<sup>62</sup> *Id. ibid.* p.63-64.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de hospedar-se no final do século XIX e ao longo das primeiras décadas do XX apresentava funções diversas, que incluía, por exemplo, desde o simples “pouso” até a moradia provisória de por exemplo, estudantes e artistas que permaneciam meses nas dependências dos hotéis ou das pensões. O crescente fluxo de clientes e a concorrência propiciada pelo desenvolvimento da ferrovia tornou corriqueiro o uso destes estabelecimentos, que tiveram seus serviços e dependências aprimorados para receber os seus hóspedes cada vez melhor e também aumentar as suas receitas.

Curitiba, vivenciou a emancipação política do estado e, como capital necessitou que edifícios, praças, ruas e avenidas fossem criadas ou alargadas para receber o aparato político, comercial e industrial a que a cidade estava fadada. Situação em que destacamos a Rua da Liberdade, por representar parcialmente tais mudanças, como local criado para atender as urgências da incipiente modernidade curitibana.

Atualmente, esse palco da antiga zona hoteleira curitibana composto pela Praça Eufrásio Correia e a Rua Barão do Rio Branco, antiga da Rua da Liberdade, ocupa um estágio que perdeu a sua nitidez e sentido. Este espaço urbano ganhou novos usos e costumes. Alteraram-se os edifícios, substituíram ou aprimoraram outros e ao longo do século XX e início do XXI, diversificaram suas funções. Se em tempos remotos a Rua da Liberdade era o local de encontros e desencontros de viajantes, hoje apresenta traços de marginalidade e abandono e apesar das constantes revitalizações, afasta os demais moradores e visitantes. E compartilhando das reflexões do filósofo Marshall Berman sobre o processo de modernização das cidades, percebe-se que esta área tão representativa para Curitiba no período evocado pela pesquisa, perdeu muito de sua clareza, ressonância e profundidade e poderá perder a sua capacidade de se organizar e dar sentido à vida das pessoas.<sup>63</sup>

Neste artigo, sob o prisma do Hotel Tassi descortinou-se a Curitiba no início de sua transformação em cidade moderna, com o desenvolvimento da ferrovia e o conseqüente movimento gerado por ela, exigindo a introdução de modificações substanciais na cidade. Destacou-se a inserção dos imigrantes neste contexto, pois

---

<sup>63</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p.16.

exerceram um papel fundamental na economia da cidade ao abrirem olarias, casas comerciais, restaurantes, indústrias, oficinas, hotéis, entre outros estabelecimentos que movimentaram a economia paranaense.

Constatou-se que o Hotel Tassi de propriedade de italianos, representa a influência dos imigrantes também na arquitetura, pois o sobrado construído em estilo eclético conserva nas suas fachadas os elementos e as técnicas construtivas aplicadas pelos alemães e italianos na cidade, sendo, portanto, um importante fator que justifica a sua preservação.

Outro fator destacado neste trabalho diz respeito ao tombamento do Hotel Tassi no contexto das políticas preservacionistas do Estado, no qual o tombamento de conjuntos arquitetônicos se caracterizou na década de 1980 como uma forma de conservar os suportes materiais visíveis da história do Paraná. Assim se preservou este e outros imóveis da cidade, com o intuito de transformá-los em referências simbólicas à comunidade.<sup>64</sup> Porém, sua utilização só é possível por meio de reformas, restauros, que dependem da ação conjunta do Estado e dos proprietários para se devolver ao edifício a vida e o movimento de outrora. Torna-se necessário que as futuras intervenções no imóvel preservem cuidadosamente o bem para que seu papel primordial de documento não se perca e, desta forma, sirva como suporte da memória coletiva no presente para que as próximas gerações possam encontrar nele as suas marcas da passagem do tempo.

---

<sup>64</sup> KERSTEN. Op.cit.p.149-148.

## 5. FONTES

A VIAGEM a Curitiba do início do século com a família Tassi. *O Estado do Paraná*. Curitiba, p.3, 28 abr. 1991.

ALMANAQUES DO PARANÁ. Curitiba, Livraria Econômica, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903,1904,1905,1906,1908,1909,1912 e 1913, p.n/e.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, *Rua da Liberdade*. Ano VIII, ano VIII, nº54, junho 1981, Curitiba.

COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL. *Processo de Impugnação do tombamento do imóvel sito Rua Barão do Rio Branco, 805*. Curitiba, 23 maio de 1985.

COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL (CPC) / SECRETARIA DO ESTADO E DA CULTURA DO PARANÁ (SEEC) / INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). *Projeto de restauração do imóvel tombado pelo patrimônio histórico, sobrado sito à Rua Barão do Rio Branco 823*. Curitiba, set. 2006.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. *Livros de Alvaras de Licença*, v.1-4.

CURITIBA. *Posturas da Câmara Municipal de Curitiba: decretadas pela Câmara Municipal em sessão de 22 de novembro de 1895*. Curitiba: Typ. Lith. Curytibana, 1897. art.123.

HOTEL da Estação na memória curitibana. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 02 abr. 1991.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC), *Título de Propriedade de Angelo Tassi*. Curitiba, 1916.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC), *Planta do Antigo Hotel Tassi*, Curitiba, 1966.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). *O Sítio da Praça Eufrásio Correia*, Curitiba, jun.1985.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA(IPPUC). *O Sítio da Praça Eufrásio Correia*, Curitiba, dez. 2003.

MEMÓRIA do Hotel Tassi em foto e álbum. *O Estado do Paraná*, Curitiba, p.17, 03 abr. 1991.

O HOTEL da estação. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 02 jun. 1991.

TEIXEIRA, Elisabete Tassi. *Hotel Tassi. O Antigo Hotel da Estação*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio Augusto (org). *Produzindo o Passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- AZEVEDO, Sandra Mara. *O Grande Hotel Moderno: símbolo da modernidade de Curitiba (1903 -1913)*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História). UTP, Curitiba, 1998.
- BALHANA, Altiva Pilati, PINHEIRO MACHADO, B.,WESTPHALEN, C. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- \_\_\_\_\_, Walter. *Paris do Segundo Império*. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas, V.III.São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERBERI, Elizabete. *Impressões: A Modernidade Através das Crônicas do Início do Século em Curitiba*. 1996. 193f. Dissertação. (Mestrado em História) Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 1996.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- BIGG-WHITER, Thomas. *Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.
- BOLLE, Willi. *Fisionomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Editora da USP, 2000.
- BONI, Maria Ignês Mancini de. *O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba, 1890-1920*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. O Patrimônio Cultural e a Construção imaginária do Nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.23,1994.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- \_\_\_\_\_, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

COLATUSO, Denise. *Imigrantes alemães na hierarquia de status da sociedade lusobrasileira* (Curitiba, 1869 a 1889). 2004, 108 f. Dissertação. (Mestrado em História) Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Arte. UFPR, 2004.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

DUDEQUE, Irã T. *Espirais de Madeira. Uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2001.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, Volume 1: Uma História dos Costumes. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, IPHAN, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: vértice, 1990.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *Imigração Alemã*. In: *História da Imigração no Brasil – as famílias*. São Paulo: S.N.D.C.B. (Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileira), 1986.

IMAGUIRRE JR, KEY. *Arquitetura no Paraná: uma contribuição metodológica para a história da arte*. Curitiba, Dissertação.( Mestrado). UFPR, 1982.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. *Os rituais de tombamento e a escrita da História*. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

LEMONS, Carlos. O Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa org .*Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da USP, 1987.

LICHOVESKI, Talita. *Tecendo Lembranças: Casa Klemtz e a Origem do Bairro Fazendinha*. 2009. Monografia. (Licenciatura em História), Universidade Tuiuti do Paraná, 2009.

MACIEL, Kalina e. *Dicionário dos conceitos históricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O patrimônio cultural entre o público e o privado. In: *O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

NADALIN, Sérgio O. *Imigrantes de Origem Germânica no Brasil: Ciclos Matrimoniais e etnicidade*. Curitiba:Aos Quatro Ventos, 2001, 2ª ed

NORA, Pierre. *Entre Memória e História, A problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, dez. 1993, p. 9-13. In: *Lês Lieux de mémoire*. I La Republique, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII – XLII.

PATETA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa org. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da USP, 1987.



PELEGRINI, Sandra C.A. *O Patrimônio Cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas*. Revista Patrimônio e Memória da UNESP: FCLAs, CEDAP, v.3, n.1, 2007.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando Iras Rumo ao Progresso*. Curitiba:UFPR, 1996.

PEREIRA, Francisca Félix; COUTINHO, Helen Rita M. Hotelaria da era antiga aos dias atuais. *Revista Eletrônica Aboré*. Escola Superior de Artes e Turismo, Amazonas, Ed.3, 2007. P.7-8. ISSN 1980-6930. Disponível em: [http://www.revistas.uea.edu.br/old/aboré/artigos/artigos\\_3/Francisca%20Felix%20Peireira.pdf](http://www.revistas.uea.edu.br/old/aboré/artigos/artigos_3/Francisca%20Felix%20Peireira.pdf)

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

RODRIGUES, Antonio E. M. *Peripécias da Modernidade: Cultura urbana e ideia de nação*. In: RAMOS, Alcides F., PATRIOTA, Rosângela (org.) *Paisagens subjetivas paisagens sociais*. São Paulo: HUCITEC, 2012.

SÊGA, Rafael Augustus. Melhoramentos da Capital: A reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913 – 1916). Curitiba, Aos Quatro Ventos, 2001.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo, e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SUTIL, Marcelo. *O espelho e a miragem. Ecletismo, moradia e Modernidade na Curitiba do Início do Século 20*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

Um dia alcançamos nossa meta e referimo-nos com orgulho às longas viagens que para isso empreendemos. Na verdade, não percebemos que viajamos. Mas fomos tão longe por acreditar que em todo lugar nos encontrávamos em casa.

("Sempre em casa", Friedrich Wilhelm Nietzsche, 1882)